

THE ROMANTIC POETS AND PSYCHOANALYSIS THE RELIGION OF THE MIND¹

Meg Harris Williams, London

megwill@gmail.com

Bion said the Romantics were the first psychoanalysts (echoing Freud but more emphatically). In what senses is this true? For clearly, if by psychoanalysis, or proto-psychoanalysis, we mean man's investigation of his spiritual condition, that is something that goes back to the very origins of humanity in a variety of mythic-religious forms of expression.

There is the model of the mind, and the method of investigation. Probably we can say that is genuinely new about psychoanalysis is the method of using the transference between two people, with its specific setting; although of course this has origins and parallels with many previous cultural and religious contexts.

Rather than talk about the method, therefore, I will summarise here the features of the model of the mind that existed in some poetic-philosophical-theological form before psychoanalysis as a method and a profession became established. In the early days of psychoanalysis, indeed, this Romantic artistic model was lost or submerged beneath the Freudian neurophysiological model, but (Meltzer points out) that from the emergence of Freud's structural model, followed by Klein's geographic-theological model, this began to change, and the full implications of the Romantic model began to find their place within the psychoanalytic model, albeit with different terminology.

In the Romantic period, poetry was the ultimate container for contemporary ideas about the mind and its religious nature, which was beginning to be seen as internalised, at least in its most adult or advanced form.

Shelley declared in his *Apology for Poetry* that 'poets are the unacknowledged legislators of the world'. Bion says the same thing when he asserts the value of the 'fresh fiery brilliance of truth the "generators" did not know because it hadn't happened – when they wrote it' (*Memoir* – also in *Bad Job*). Traditionally, it is agreed that poetry can contain more truth than what is merely paraphraseable in everyday language. Subsequent generations find new implications, or new ways to paraphrase parts of the truth in their own contemporary language. But the deep contact with psychic evolution exists inside the structure of the poetic language whether or not it has been 'discovered' and put into more limited but explicable terms by readers from a new age.

For Bion, the 'life of ideas' was not just a metaphor: ideas really do have a life history, passing through generations, taking root in various individuals or cultures, where they manifest themselves in different forms. It is the same within the individual as within the history of humanity as a whole: ideas can live, or be

1 Brazilian seminar for *Ide*, November 2021.

OS POETAS ROMÂNTICOS E A PSICANÁLISE A RELIGIÃO DA MENTE¹

Meg Harris Williams, Londres

megwill@gmail.com

Bion disse que os românticos foram os primeiros psicanalistas (repetindo Freud, mas de modo mais enfático). Em que sentido isso é verdadeiro? Evidentemente, se por psicanálise, ou protopsicanálise, queremos dizer a investigação da condição espiritual do homem, isso é algo que remonta às verdadeiras origens da humanidade em diversas formas de expressão mítico-religiosas.

Existe o modelo da mente e o método de investigação. Muito provavelmente poderemos dizer que novo de fato na psicanálise é o uso da transferência entre duas pessoas como método, com seu *setting* específico; ainda que, com certeza, isso tenha origens e paralelos em muitos contextos culturais e religiosos anteriores.

Portanto, em lugar de falar do método, resumirei as características do modelo da mente que existia em alguma forma poético-filosófico-teológica antes do estabelecimento da psicanálise como método e profissão. De fato, nos primeiros tempos da psicanálise, esse modelo artístico romântico se perdeu ou ficou submerso sob o modelo neurofisiológico freudiano, mas [Meltzer destaca] que a partir do surgimento do modelo estrutural de Freud, seguido pelo modelo geográfico-teológico de Klein, isso começou a mudar, e todas as implicações do modelo romântico começaram a encontrar seu lugar no interior do modelo psicanalítico, embora com terminologia diferente.

No período romântico, a poesia era o receptáculo definitivo para as ideias contemporâneas sobre a mente e sua natureza religiosa que começava a ser considerada internalizada, ao menos em sua forma mais adulta ou avançada.

Shelley declarou em seu *Apology for poetry* (*Em defesa da poesia*) que “os poetas são os legisladores não reconhecidos do mundo”. Bion diz o mesmo ao afirmar o valor do “brilho ígneo da verdade que os ‘geradores’ não conheciam, pois não tinha acontecido – quando escreveram” (na *Autobiografia* [*Memoir*] e também em *Bad job* [*Mau negócio*]). Tradicionalmente, existe concordância em que a poesia pode conter mais verdades do que é possível simplesmente parafrasear na linguagem cotidiana. As gerações subsequentes encontram novas implicações ou novas maneiras de parafrasear partes da verdade em sua linguagem contemporânea própria. Mas o contato profundo com a evolução psíquica existe na estrutura da linguagem poética, tenha ou não sido “descoberta” e posta em termos mais limitados, mas explicáveis, por leitores de uma nova era.

Para Bion, a “vida das ideias” não era apenas uma metáfora: as ideias realmente têm uma história de vida, passando por gerações, enraizando-se em vários indivíduos ou em culturas, em que se manifestam de maneiras diferentes.

1 Seminário *Ide*, 20 de novembro de 2021.

killed, and Bion stresses, that is ‘not a metaphor *only*’. But if they are killed in one area, Bion believes, they can go underground, maybe disappear for periods of time, and then re-emerge in a different individual or a different culture. This is one way of seeing the link between the poets and psychoanalysis: the central idea of psychic evolution, or mental growth, was dominant in Romantic philosophy, then went underground, and re-emerged in post-Freudian psychoanalysis. This central idea was in a way obscured by Freudian theory but nonetheless it worked its way in the living relationships established by the psychoanalytic method (at least, this is Meltzer’s view of Freud as discoverer of the transference – vs. Freud as pseudo-scientific theoretician).

So what the truth-generators’ did not know because it hadn’t happened – when they wrote it’ refers to this underlying truth of psychic evolution, with which the poets have special contact. They did not foresee the literal historical existence of psychoanalysis but they knew, intuitively, the principles on which the new method would be based, and these had their own contemporary manifestation in poetry. In poetry these ideas can ‘speak for themselves’, they do not require commentary: they communicate through beauty and energy or ‘gusto’ as Hazlitt put it – dismissing established morality.

What are these principles or ideas?

I will look at contributions from some of the major poets, in order to remind us of their familiarity with some of the important concepts that later found their way into psychoanalysis: concepts such as negative capability (unknowing); omnipotence vs. dependence on a higher object; the value of mental pain; self-imprisonment in hell or the claustrum; the spiritual impact of beauty; the primary of the mother-baby relationship over and above paternal regulation; the continual struggles of a split personality with its angelic potential and its diabolic temptations; and above all the stress on mental evolution as the ultimate good, replacing the upholding of any fixed or established morality – an individual search for identity which happens through an organic endoskeleton rather than a mechanical exoskeleton.

But first of all there is the concept of the mind itself. The idea could not re-emerge without Klein’s vision of the mind as its ‘own place’ as Milton would say – a spatial and geographical vision in which the relation between the self and God, or internal objects, had room to play out in a dramatic and complex way. Although Wordsworth maintained that he would be the first to make the ‘mind of man’ his avowed subject, he forgot that Milton, father of the Romantic poets, had already established this 150 years earlier – though without the revolutionary emphasis on the mother-baby relationship that infuses Wordsworth’s vision.

However in terms of the religion of the mind, it is to Milton that the modern use of the term ‘mind’ can be attributed – not just the term, but the focus on the mind as a fitting subject for poetry, in fact the main reason for poetry’s existence.

É a mesma no indivíduo e na história da humanidade como um todo: as ideias podem viver ou serem mortas, e Bion ressalta que “não se trata apenas de uma metáfora”. Mas, se forem mortas em uma área, acredita Bion, podem ir para a clandestinidade, talvez desaparecer por períodos de tempo e, depois, reaparecer em um indivíduo ou em uma cultura diferente. Esse é um jeito de considerar a ligação entre os poetas e a psicanálise: a ideia central da evolução psíquica ou o crescimento mental era dominante na filosofia romântica, depois ficou oculta e ressurgiu na psicanálise pós-freudiana. Essa ideia central de certa forma foi obscurecida pela teoria freudiana, mas, ainda assim, funcionou nas relações vivas estabelecidas pelo método psicanalítico (ao menos, essa é a visão que Meltzer tem de Freud como descobridor da transferência, *versus* Freud como teórico pseudocientífico).

Portanto, o que os geradores da verdade “não sabiam, porque não tinha acontecido – quando escreveram” –, refere-se a essa verdade subjacente da evolução psíquica com a qual os poetas têm contato especial. Eles não previram a existência histórica literal da psicanálise, mas conheciam intuitivamente os princípios nos quais o novo método se basearia, e estes tiveram sua própria manifestação contemporânea na poesia. Na poesia, essas ideias podem “falar por si mesmas”, não exigem comentários. Elas se comunicam por meio da beleza e da energia, ou do “gosto”, como disse Hazlitt – descartando a moralidade estabelecida.

Quais são esses princípios ou ideias?

Examinarei as contribuições de alguns dos poetas mais importantes, a fim de nos fazer recordar sua familiaridade com alguns dos principais conceitos que depois encontraram seu trajeto na psicanálise: conceitos como capacidade negativa (desconhecimento); onipotência *versus* dependência de um objeto superior; o valor da dor mental; autoaprisionamento no inferno ou no claustro; o impacto espiritual da beleza; o básico da relação mãe-bebê além e acima da regulação paterna; as lutas contínuas da personalidade dividida entre seu potencial angelical e suas tentações diabólicas; e, acima de tudo, a ênfase na evolução mental como o bem último, substituindo a manutenção de qualquer moralidade fixa ou estabelecida, ou seja, a busca individual por identidade que acontece por meio de um endoesqueleto orgânico em vez de um exoesqueleto mecânico.

Mas antes de tudo há o conceito da mente em si. A ideia não poderia ressurgir sem a visão de Klein da mente como seu “lugar próprio”, como diria Milton – uma visão espacial e geográfica em que a relação entre o *self* e Deus, ou objetos internos, tivesse espaço para se manifestar de forma dramática e complexa. Embora Wordsworth afirmasse que seria o primeiro a fazer da “mente do homem” seu tema declarado, ele esqueceu-se de que Milton, pai dos poetas românticos, já instituíra isso 150 anos antes – mas sem a ênfase revolucionária na relação mãe-bebê que a visão de Wordsworth gera.

Em termos de religião da mente, contudo, pode-se atribuir a Milton o uso moderno do termo “mente” – não apenas ao termo, mas também ao enfoque na

For the mind is its own place, and in itself
Can make a heaven of hell, a hell of heaven.

Moreover, at the same time, Milton puts these words in the mouth of Satan, playing devil's advocate. He knew well that any revolution (Fall from Heaven) that put the mind first, rather than God's rule-book, could easily be abused and make a hell of heaven. Milton begins his journey beyond Chaos and into the further recesses of the mind by invoking the 'heavenly Muse' who has the power to open to view 'things invisible to mortal sight' – the internal world. This was the great adventure that he called *Paradise Lost* and that ends with his version of Shakespeare's 'brave new world' when our 'first parents' relinquish their orderly Garden of Eden and journey into a world of work, trial and turbulence, but potentially rich and fertile, where with happiness can never be guaranteed but can be struggled towards.

The world was all before them, where to choose
Their place of rest, and Providence their guide:
They hand in hand with wandering steps and slow,
Through Eden took their solitary way.

These beautiful words at the end of his epic surely mark the signpost to the beginnings of psychoanalysis.

I am not going to speak about Shakespeare here, who as everyone acknowledges, knew all there is to know about human nature. But Shakespeare's personality and conflicts are not apparent in the same way as Milton's, and somehow this subjective struggle is necessary for psychoanalysis to exist as a cultural phenomenon, to be clearly needed by humanity. Indeed Coleridge took Milton and Shakespeare as prime examples of two complementary types of genius. Where Shakespeare 'projects his mind out of his particular being' and enters states of mind that in a sense do not belong to him, Milton is more easily to identify with as an individual, since the struggles are clearly his own and the drama is all gathered inside his own mind. We identify in a sibling way. Shakespeare's mind 'becomes that which it meditates on'; Milton's mind meditates on itself, in the guise of other characters and stories; and in psychoanalysis, we are like Milton, using the transference to read our own inner conflicts. Shakespeare's character may have been far from perfect but his genius was too great. Psychoanalysis exists because of the ease with which heaven and hell can be confused by the individual in a situation of trial – and Shakespeare didn't need it.

Moreover it was Milton who put the aesthetic conflict at the heart of individual struggle: the 'hateful siege of contraries' that Satan enviously felt when he first encountered the beauty of God's new babies, Adam and Eve, viewing them 'with wonder' and almost with love – but this is too painful for the one who has been ejected and substituted, the first or fallen baby who is no longer the favourite.

mente como tema adequado para a poesia, como, na verdade, a principal razão para a existência da poesia.

Pois a mente é o seu lugar próprio e em si mesma
Pode transformar o inferno em paraíso, e fazer do céu um inferno.

Além disso, ao mesmo tempo, Milton põe essas palavras na boca de Satanás, desempenhando o papel de advogado do diabo. Ele sabia bem que qualquer revolução (queda do céu) que pusesse a mente em primeiro lugar, em vez do livro das regras de Deus, poderia facilmente fazê-la sofrer maus tratos e transformar o céu em inferno. Milton começa sua jornada além do Caos e nos recônditos da mente invocando a “Musa celestial” que tem o poder de se abrir para enxergar “coisas invisíveis à visão dos mortais – o mundo interno”. Essa foi a grande aventura que ele chamou de *Paraíso perdido* e que termina com sua versão do “admirável mundo novo” de Shakespeare, quando nossos “genitores originais” renunciam ao seu Jardim do Éden e viajam para um mundo de trabalho, provação e turbulência, no entanto potencialmente rico e fértil, em que nunca se pode garantir, mas é possível conquistar a felicidade.

O mundo estava todo diante deles, onde escolher
Seu lugar de descanso, e a Providência seu guia:
Eles andam de mãos dadas com passos errantes e lentos,
Através do Éden tomaram seu caminho solitário.

Essas belas palavras no final do seu épico certamente dão a sinalização para o início da psicanálise.

Não falarei de Shakespeare, que, como todos reconhecem, conhecia tudo o que há para conhecer sobre a natureza humana. Mas a personalidade e os conflitos de Shakespeare não são evidentes da mesma forma que os de Milton e, de algum modo, essa luta subjetiva é necessária para a psicanálise existir como fenômeno cultural, para ser claramente necessária para a humanidade. Na verdade, Coleridge considerou Milton e Shakespeare como os principais exemplos de dois tipos complementares de gênio. Onde Shakespeare “projeta sua mente para fora de seu ser particular” e entra em estados de espírito que em certo sentido não lhe pertencem, Milton é mais facilmente identificável como indivíduo, uma vez que as lutas são declaradamente suas e o drama está todo reunido no interior da sua própria mente. Nós nos identificamos de maneira fraternal. A mente de Shakespeare “torna-se aquilo a respeito do que medita”; a mente de Milton medita a respeito de si mesma, disfarçada de outros personagens e histórias, e, na psicanálise, somos como Milton, usando a transferência para compreender nossos próprios conflitos internos. O caráter de Shakespeare pode estar longe de ser perfeito, mas sua genialidade era grande demais. A psicanálise existe devido à facilidade com que o céu

The Romantic poets all had an intense love-hate relationship with Milton, a genuine aesthetic conflict of the sort that lies behind any mental evolution. I will summarise the philosophy of three of these 'first psychoanalysts' – Blake, Coleridge and Keats. To take them chronologically, beginning with William Blake at the end of the 18th century:

William Blake

Blake reinforced Milton's idea of the mind as a place of its own, an ever-expanding world:

I rest not from my great Task,
To open the Eternal Worlds, to open the immortal Eyes
Of Man inwards into the Worlds of Thought, into Eternity
Ever expanding in the Bosom of God, the Human Imagination.

For him this was the meaning of godhead: an internal family of the imagination. It is internal, since 'all deities reside in the human breast' and in that space 'fairy hands' go to work and create imaginary – that is, real – dramas on family lines. This internal work of imagination contrasts with invention or allegory, a story invented by the 'selfhood' as Blake terms it. In psychoanalytic terms, it is the difference between omnipotence and object-dependency.

For Blake man's wickedness was essentially a problem of perception: he lacks inward vision, appreciation of the inner space of imagination where the psychic work is conducted on our behalf by those internal objects. (Called by Milton 'things invisible to mortal sight' – often quoted by Bion.) Man is self-imprisoned in his claustrum, unable to see that (as Meltzer would say) the door is always open:

If the doors of perception were cleansed every thing would
appear to man as it is, infinite.
For man has closed himself up, till he sees all things thro'
narrow chinks of his cavern.

For Blake, reality is the 'infinite', and contact is prevented only by self-enclosure. The infinite is equivalent to Bion's 'O'. To see things as they really are, man needs to remove the barriers to his self-knowledge – the 'mote in the eye' as in the Biblical story. Thus the world is not a vale of tears when it is properly perceived; but to make this true for humanity in general, vision needs to be clarified by everyone.

Blake also believed in the holiness of passion (the opposite of the conventional religious view). Emotionality is the foundation of truth and goodness, and lack of emotion the basis for evil and un-reality – a view that only reappeared in psychoanalytic theory in the work of Bion with his distinction between LHK and

e o inferno podem ser confundidos pelo indivíduo em situação de julgamento – e Shakespeare não precisava disso.

Além disso, foi Milton quem pôs o conflito estético no centro da luta individual: “o odioso cerco dos contrários” que Satanás sentiu com inveja quando se defrontou pela primeira vez com a beleza dos novos bebês de Deus, Adão e Eva, vendo-os “com admiração” e quase com amor. Mas isso é doloroso demais para quem foi expulso e substituído, o bebê primeiro ou caído que não é mais o favorito.

Todos os poetas românticos tinham intensa relação de amor e ódio com Milton, um verdadeiro conflito estético do tipo que está por trás de qualquer evolução mental. Resumirei a filosofia de três desses “primeiros psicanalistas” – Blake, Coleridge e Keats. Considerando-os cronologicamente, começo com William Blake, ao final do século XVIII.

William Blake

Blake reforçou a ideia de Milton, da mente como um lugar próprio, um mundo em constante expansão:

Não descanso de minha grande tarefa,
Para abrir os Mundos Eternos, para abrir os Olhos Imortais
Do Homem para o seu interior, para os Mundos do Pensamento, para dentro da
Eternidade
Sempre se expandindo no Seio de Deus, a Imaginação Humana.

Para ele, era esse o significado de divindade: uma família interna da imaginação. É interna, uma vez que “todas as divindades residem no seio humano”, e nesse espaço “mãos das fadas” trabalham e criam dramas imaginários – isto é, reais – em linhagens familiares. Esse trabalho interno de imaginação contrasta com a invenção ou a alegoria, uma história inventada pela “individualidade”, como Blake a denomina. Em termos psicanalíticos, é a diferença entre onipotência e dependência do objeto.

Para Blake, a maldade do homem em essência é um problema de percepção: falta-lhe visão interior, apreciação do espaço interno da imaginação em que o trabalho psíquico é conduzido em nosso nome por esses objetos internos. (Chamado por Milton de “coisas invisíveis à visão dos mortais” – frequentemente citado por Bion.) O homem aprisiona a si mesmo em seu claustro, incapaz de ver (como diria Meltzer) que a porta está sempre aberta:

Se as portas da percepção fossem limpas, tudo
apareceria ao homem tal qual é, infinito.
Pois o homem se fechou, até ele ver todas as coisas através
de fendas estreitas da sua caverna.

minus LHK, positive and negative emotional links. Blake saw man's task as to build a 'house for the passions', to 'organise' their 'inward form' – as in the container-contained model of symbol-formation where the symbol evolves in response to the emotional conflicts and harmoniously captures it in a containing shape where it can be seen and understood. It is the factor of understanding, of seeing the whole conflict, that makes the movement aesthetic – even if the emotions are painful or hateful in themselves.

Coleridge

Blake distinguished between two types of memory that tended to result in two types of symbol: imaginative memory, which is exploratory, and allegory, which is of fixed meaning that is omnipotently controlled. We could call this knowing *vs.* knowing about (in Bion's distinction), and it corresponds to the modern emphasis on the here-and-now of the transference experience, rather than viewing psychoanalysis as dredging up past traumas: the abandonment of memory and desire for constructive 're-membering' (Bion). It is indeed a very ancient distinction between knowledge – which is external and informative – and wisdom which is internal and character-building, the result of learning from experience. Coleridge too thought it was 'a strange assertion, that the Essence of Identity lies in *recollective* Consciousness.' According to Coleridge an idea can only be contained in a symbol, and 'every idea is living, productive, partaking of infinity' and 'contains an endless power of semination'. That is, ideas are the result of creative imagination, and they seed themselves in other minds, perpetually creating new ideas.

Meltzer has also written about the distinction between symbol and allegory, using his reading of the aesthetic philosophy of Cassirer and Langer (itself founded on Coleridge). In essence symbol-making belongs to the dream world of unconscious phantasy, in communication with internal objects, whereas allegory is a type of code language used by the conscious or omnipotent self. It codifies what is already known but cannot teach the personality anything new. As Coleridge says, ideas are not just 'regulative' (like morality) but 'constitutive' – they become embedded in our mind's constitution or structure and the way it grows and develops. They are never static. He called this his 'progressive' philosophy – meaning, not just advanced in itself, but actually about progression. It is the constructive way to deal with our ignorance: 'Our Ignorance with all the intermediates of obscurity is the *condition* of our ever-increasing Knowledge.' Ideas make the mind 'awake and step forward'.

Coleridge expanded on symbol and allegory in his famous formulations about organic and mechanical types of fantasy, and 'imagination' *vs.* 'fancy'. Fancy deals in 'fixities and definites' whereas imagination connects the mind with the Platonic source of ideas – the realms of Bion's 'O'. He wrote:

Para Blake, a realidade é o “infinito”, e o contato é impedido apenas pelo encerramento em si mesmo. O infinito é equivalente ao “O” de Bion. Para ver as coisas como realmente são, o homem precisa remover as barreiras ao seu autoco-nhecimento – o “cisco no olho”, como na história bíblica. Assim, o mundo não é um vale de lágrimas quando é percebido adequadamente, mas, para isso se tornar verdadeiro para a humanidade em geral, a visão precisa ser esclarecida por todos.

Blake também acreditava na santidade da paixão (o oposto da visão religioso-convenção). A emotividade é o fundamento da verdade e do bem, e a falta de emoção é a base para o mal e a irrealidade – uma visão que só reapareceu na teoria psicanalítica na obra de Bion, com sua distinção entre LHK e menos LHK, ligações emocionais positivas e negativas. Blake viu a tarefa do homem de construir uma “casa para as paixões”, para “organizar” sua “forma interior” – como no modelo continente-contido de formação de símbolo, em que o símbolo evolui em resposta aos conflitos emocionais e os capta harmoniosamente em formato de continência, no qual podem ser vistos e compreendidos. É o fator da compreensão, de considerar o conflito todo, que torna estético o movimento – mesmo que as emoções sejam dolorosas ou odiosas em si mesmas.

Coleridge

Blake distinguiu dois tipos de memória, que tendem a resultar em dois tipos de símbolo: a memória imaginativa, que é exploratória, e a alegoria, que tem um significado fixo e onipotentemente controlado. Poderíamos chamar isso de conhecer *versus* conhecer sobre (na diferenciação de Bion), e corresponde à ênfase moderna no aqui e agora da experiência transferencial, em lugar de considerar que a psicanálise desenterra traumas passados: o abandono da memória e do desejo para a “relembração” construtiva (Bion). Na verdade, é uma diferenciação muito antiga entre o conhecimento – que é externo e informativo – e a sabedoria, que é interna e formadora do caráter, resultado do aprender com a experiência. Coleridge também pensou que seria “uma afirmação estranha a Essência da Identidade residir na Consciência *rememorativa*”. De acordo com Coleridge, uma ideia só pode estar contida em um símbolo, e “toda ideia é viva, produtiva, compartilha do infinito” e “contém poder infinito de fertilização”. Ou seja, as ideias resultam da imaginação criativa e semeiam-se em outras mentes, criando perpetuamente novas ideias.

Meltzer também escreveu sobre a diferença entre símbolo e alegoria, usando sua leitura da filosofia estética de Cassirer e Langer (ela própria fundada em Coleridge). Em essência, a criação de símbolos pertence ao mundo dos sonhos da fantasia inconsciente, em comunicação com os objetos internos, enquanto a alegoria é um tipo de linguagem de código usada pelo eu consciente ou onipotente. Codifica o que já é conhecido, mas nada pode ensinar de novo à personalidade. Como Coleridge diz, as ideias não são apenas “reguladoras” (como a moralidade), mas “constitutivas” – elas se incorporam na constituição ou estrutura de nossa mente e na maneira pela qual ela cresce e se desenvolve. Elas nunca são estáticas.

The form is mechanic when on any given material we impress a pre-determined form, not necessarily arising out of the properties of the material. ... The organic form, on the other hand, is innate; it shapes as it develops itself from within, and the fullness of its development is one and the same with the perfection of its outward form. Such is the life, such the form.

This is resurrected in Bion's 'endoskeleton' *vs.* 'exoskeleton'. The mind that develops from within is following the analogy with the endoskeletonous body; if it seeks external protection in a way that imprisons the growing spirit, and uses knowledge in this exoskeletal way, it will result in Blake's 'cavern' of self-imprisonment and non-perception.

Coleridge, it has been said, coined the very term psycho-analysis. Certainly it was Coleridge who focused on the term consciousness and expanded its implications into the modern meaning or meanings. By consciousness we mean knowing-with-the-mind, whether this is envisioned in terms of levels or perspectives or timings. It is a word that retains a vestige of its original 'conscience', the superego relationship.

The meeting of Coleridge and Keats

Interestingly, it was Coleridge whom Keats referred when he formulated Negative Capability – not as an example of it, but as an example of not having it. He felt Coleridge was one of those who could not rest content with half-knowledge. It is amusing to read the background to this concept in Keats's account of a meeting with Coleridge one day on a walk on Hampstead Heath in London, to see the impact of the topics perpetually swirling around in the mind of the older man:

In those two miles he broached a thousand things – let me see if I can give you a list – Nightingales, Poetry – on poetical sensation – metaphysics – different genera and species of dreams – nightmare a dream accompanied by a sense of touch – single and double touch – a dream related – first and second consciousness – monsters – the Kraken – mermaids – Southey believes in them – Southey's belief too much diluted – a ghost story – 'Good morning' – I heard his voice as he came toward me
I heard it as he moved away – I had heard it all the interval – if it may be called so.
He was civil enough to ask me to call on him at Highgate. (letter of April 11 1819 to George and Georgiana Keats)

Here was stream-of-consciousness in action a hundred years before Joyce or Woolf (admittedly, Sterne was practising it even earlier). The poets shook hands and parted. So great was Coleridge's self-absorption that he recalled the meeting as having lasted only a few minutes; all he could say was 'There was death in that hand' – but not before Keats had metabolized Coleridge's free associations into the poetry of the Odes.

Ele denominou isso sua filosofia “progressiva” – ou seja, não apenas avançada em si mesma, mas, na verdade, a respeito da evolução. É a maneira construtiva de lidar com nossa ignorância: “Nossa ignorância com todos os intermediários da obscuridade é a *condição* de nosso Conhecimento cada vez maior”. As ideias fazem a mente “despertar e avançar”.

Coleridge expandiu a respeito de símbolo e alegoria em suas famosas formulações sobre tipos orgânicos e mecânicos de fantasia e “imaginação” *versus* “ilusão”. A ilusão lida com “fixidez e limitação”, enquanto a imaginação conecta a mente com a fonte platônica de ideias – os territórios do “O” de Bion. Ele escreveu:

A forma é mecânica quando imprimimos uma forma predeterminada a qualquer material dado, não necessariamente decorrente das propriedades do material. A forma orgânica, por outro lado, é inata; ela se forma à medida que se desenvolve a partir de dentro e a plenitude de seu desenvolvimento é a mesma com a perfeição de sua forma externa. Essa é a vida, essa é a forma.

Isso é ressuscitado no “endoesqueleto” *versus* “exoesqueleto” de Bion. A mente que se desenvolve a partir do interior segue a analogia com o corpo endoesquelético; se buscar proteção externa de modo que aprisione o espírito em crescimento e usar o conhecimento dessa forma exoesquelética, isso resultará na “caverna” de Blake de aprisionamento de si mesmo, e não percepção.

Coleridge, já se disse, cunhou o termo “psicanálise”. Certamente foi Coleridge quem se concentrou no termo “consciência” e expandiu suas implicações para o significado ou os significados modernos. Por consciência, queremos dizer conhecer-com-a-mente, seja isso previsto em termos de níveis, perspectivas ou *timings*. É uma palavra que retém um vestígio de sua “consciência” original, a relação do superego.

O encontro de Coleridge e Keats

Curiosamente, foi a Coleridge que Keats se referiu ao formular a ideia de Capacidade Negativa – não como se ele fosse exemplo dessa capacidade, mas como exemplo de alguém desprovido dela. Ele sentia que Coleridge era uma dessas pessoas que não se contentavam com conhecimentos pela metade. É divertido ler o contexto desse conceito no relato de Keats acerca de um encontro com Coleridge certo dia em uma caminhada em Hampstead Heath, em Londres, para observar o impacto dos tópicos em giro perpétuo na mente do homem mais velho:

Nesses 3 quilômetros ele abordou mil coisas – deixe-me ver se posso fazer uma lista – Rouxinóis, Poesia – na sensação poética – metafísica – diferentes gêneros e espécies de sonhos – pesadelo um sonho acompanhado por uma sensação de toque – toque único e duplo – um sonho relacionado – primeira e segunda consciência

With his characteristically light touch Keats gives a vivid indication of the nature of the topics continually agitating and coalescing in Coleridge's mind, and of the impact of his conversational teaching mode. And despite Keats's light criticism of Coleridge's lack of negative capability, this concept does in fact echo Coleridge's own distinction in his *Biographia Literaria* between two types of 'men of genius' – the man of 'commanding genius' who projectively organizes other faculties or people, and the man of 'absolute genius' who introjects and assimilates experience in a more passive, less omnipotent way. Essentially this is the concept of introjective *versus* projective identification, operating in a life context.

For in that spring of 1819 noted for its innumerable nightingales, Keats – despite his bemusement – did find Coleridge a kind of nightingale, and during the next few weeks wrote not only the 'Belle Dame' but all his great Odes (apart from 'Autumn'), including the one in which the nightingale's throbbing song, though no longer audible, is imagined as potentially singing in the next valley-glades. He was the antithesis of the kind of listener who would make Coleridge's voice 'die away at once'. Coleridge responded to Keats's receptivity, and Keats continued to listen to his voice as it faded beyond the Vale of Health, transforming its content within his own poem. The beginnings of psychoanalysis indeed – rooted in a sort of transference relationship in which it is the younger man who is the analyst performing the alpha-function needed to give form to this primary chaos of swirling part-objects – Coleridge however had a name for the process, the 'shaping spirit of imagination'. Meltzer describes the analyst's observation as being 'on the alert for movement of the quarry, part-object minimal movements which with patience can be seen to form a pattern of incipient meaning 'cast before'.

The triumphant breakthrough for Keats-as self-analyst came with his 'Ode to Psyche' in which the poet's internal muse is discovered in the combined-object form of Cupid and Psyche, and instated as the mind's true deity:

Yes, I will be thy priest, and build a fane
In some untrodden region of my mind,
Where branched thoughts, new grown with pleasant pain,
Instead of pines shall murmur in the wind:

It is the new religion of the mind, rich with unknown 'untrodden' areas of experience. The poem culminates in a picture of the mind as a fertile garden set in a wild landscape, 'the wreath'd trellis of a working brain', with the poet as priest in a baby-mother relationship to the Muse, the 'pale-mouth'd prophet dreaming'.

Keats gathers together the overall picture in his formulation of the 'vale of soulmaking':

There may be intelligences or sparks of the divinity in millions — but they are not
Souls till they acquire identities, till each one is personally itself. ... As various as

- monstros – o Kraken² – sereias – Southey acredita neles – A crença de Southey muito diluída – uma história de fantasmas
- ‘Bom dia’ – ouvi sua voz quando ele veio em minha direção
- Eu ouvi enquanto ele se afastava – eu tinha ouvido durante todo o intervalo – se é que se pode chamar assim. Ele foi suficientemente educado para me pedir que o visitasse em Highgate. (carta de 11 de abril de 1819 para George e Georgiana Keats)

Eis aqui um fluxo de consciência em ação cem anos antes de Joyce ou Woolf (reconhecidamente, Sterne o praticava ainda antes). Os poetas se cumprimentaram apertando as mãos e se separaram. A absorção em si mesmo de Coleridge era tão grande, que ele recordou que a reunião teria durado apenas alguns minutos; tudo o que ele conseguiu dizer foi “Havia morte naquela mão” – mas não antes de Keats ter metabolizado as associações livres de Coleridge na poesia das *Odes*.

Com seu toque caracteristicamente leve, Keats indica de maneira vívida a natureza dos temas que se agitam e aglutinam continuamente na mente de Coleridge, e do impacto do seu modelo de ensino por meio de conversas. E, apesar das críticas leves de Keats à falta de capacidade negativa de Coleridge, esse conceito de fato ecoa a diferenciação de Coleridge, em sua *Biographia Literaria*, entre dois tipos de “homens de gênio” – o homem de “gênio comandante”, que organiza de forma projetiva outras faculdades ou pessoas, e o homem de “gênio absoluto”, que introjeta e assimila a experiência de forma mais passiva, menos onipotente. Essencialmente, esse é o conceito de identificação introjetiva *versus* projetiva, operando em um contexto vital.

Pois naquela primavera de 1819, conhecida por seus inúmeros rouxinóis, Keats – apesar de sua estupefação – considerou que Coleridge era uma espécie de rouxinol e, durante as semanas seguintes, escreveu não apenas a “Belle Dame”, mas todas as suas grandes *Odes* (exceto “Autumn”), incluindo aquela em que a canção pulsante do rouxinol, embora não seja mais audível, é imaginada sendo potencialmente cantada nas clareiras próximas do vale. Ele era a antítese do tipo de ouvinte que faria a voz de Coleridge “morrer imediatamente”. Coleridge correspondeu à receptividade de Keats, e Keats continuou a ouvir sua voz enquanto ela desaparecia além do Vale da Saúde, transformando seu conteúdo em seu próprio poema. O início da psicanálise, de fato – enraizado em uma espécie de relação de transferência em que o homem mais jovem é o analista que desempenha a função alfa necessária para dar forma a esse caos primário de objetos parciais rodopiantes – Coleridge, no entanto, tinha um nome para o processo, o “espírito modelador da imaginação”. Meltzer descreve que a observação do analista está “alerta para o movimento da pedra, movimentos mínimos de objeto parcial que, com paciência, podem ser vistos como um padrão de significado incipiente “produzido antes”.

2 N. T. Kraken: era uma espécie de lula, que ameaçava os navios no folclore nórdico, tinha fama de destruir navios.

the lives of men are — so various become their souls, and thus does God make individual beings, souls, identical souls of the sparks of his own essence.

It is the mystery of individual identity that is also at the heart of psychoanalysis – in Bion’s definition, an activity designed to ‘introduce the individual to himself, for that is a marriage that will last as long as he lives’. It is formed by internal object relationships (the soul and God) in a context of learning from experience. This is the Romantic vision of evolution or progressive consciousness, organic rather than mechanic, guided by the imagined world of a ‘terra incognita’ beyond the horizons of existing consciousness. And in post-Kleinian thinking, with its aesthetic and epistemological orientations founded on internal object relations, this is also the new goal of psychoanalysis.

O avanço triunfante de Keats como autoanalista veio com sua “Ode à Psique”, em que a musa interna do poeta é descoberta na forma de objeto combinado de Cupido e Psique, e instituída como a verdadeira divindade da mente:

Sim, eu serei teu sacerdote e construirei um templo
Em alguma região inexplorada da minha mente,
Onde pensamentos ramificados, recém-crescidos com dor agradável,
Ao invés de pinheiros murmurarão ao vento:

É a nova religião da mente, rica em áreas de experiência desconhecidas “inexploradas”. O poema culmina em uma imagem da mente como um jardim fértil ambientado em uma paisagem selvagem, “com a coroa de flores de um cérebro funcionante”, com o poeta como sacerdote de uma relação mãe-bebê com a Musa, o “profeta de pálida boca sonhando”.

Keats reúne o quadro geral em sua formulação do “vale da criação de almas”:

Pode haver inteligências ou centelhas da divindade em milhões – mas não são Almas até adquirirem identidades, até cada uma ser pessoalmente ela mesma. ... Por mais diversas que sejam as vidas dos homens – assim diversas se tornam suas almas, e, assim, Deus cria seres individuais, almas, almas idênticas nas centelhas de sua própria essência.

Trata-se do mistério da identidade individual que também está no cerne da psicanálise – na definição de Bion, uma atividade destinada a “apresentar o indivíduo a si mesmo, pois é um casamento que durará enquanto ele viver”. É formado por relações de objeto interno (a alma e Deus) no contexto de aprender com a experiência. Esta é a visão romântica da evolução ou consciência progressiva, orgânica em vez de mecânica, guiada pelo mundo imaginado de uma “terra incógnita” além dos horizontes da consciência existente. E no pensamento pós-kleiniano, com suas orientações estéticas e epistemológicas fundadas nas relações objetivas internas, este é também o novo objetivo da psicanálise.

Tradução: Tania Mara Zalcberg